

ACNUR EM RORAIMA

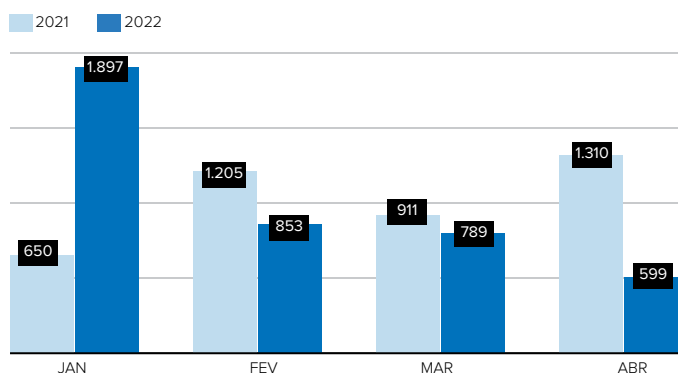


ABRIGAMENTO

Entre janeiro e abril de 2022, o ACNUR abrigou mais de 4.000 refugiados e migrantes em Roraima. Em 2021, o ACNUR administrou 13 abrigos de emergência em Roraima para refugiados vulneráveis e população migrante, incluindo indígenas. Atualmente, existem 9 abrigos que acomodam quase 7.000 indivíduos, com aproximadamente 60% da população abrigada permanecendo menos de 6 meses. O número médio de população abrigada nos primeiros 4 meses de 2022 não se alterou em relação ao mesmo período de 2021, o que mostra a efetividade do processo de consolidação de abrigos, conforme apresentado na próxima seção.

Novas entradas em abrigos (2021-2022)

Fonte: Subscritório do ACNUR em Boa Vista



© ACNUR / Camilla Gerardo

PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO DE ABRIGOS

Desde meados de 2021, o ACNUR tem apoiado o Ministério da Cidadania e Força-Tarefa Logística no processo de reestruturação dos abrigos de emergência que atendem refugiados e migrantes em Boa Vista. Esta reestruturação envolveu avaliações técnicas, diálogos regulares com as comunidades abrigadas e coordenação operacional com autoridades, parceiros e a Força-Tarefa da Operação Acolhida, em um esforço para garantir os padrões humanitários.

Nesse contexto, em 24 de fevereiro, foi concluído o processo de fusão dos abrigos Rondon 1 e Rondon 4, atingindo uma capacidade de 2.046 pessoas, sendo que 1.963 vagas já estavam ocupadas até o final de abril. Essa consolidação teve como objetivo oferecer melhores condições de abrigamento e serviços aos refugiados e migrantes venezuelanos residentes no novo Rondon 1, além de introduzir procedimentos de gestão de abrigos mais padronizados e otimizar os recursos disponíveis.

Paralelamente, em 14 de março, foi inaugurado o novo abrigo Waraotuma a Tuaranoko, após uma completa reestruturação do antigo abrigo Rondon 3, para abrigar a população indígena. O primeiro grupo de moradores a chegar a Tuaranoko foi de 253 pessoas vindas do abrigo Tancredo Neves, que foi desativado no mesmo dia. Nos dias seguintes, 280 pessoas foram realocadas do abrigo de Pintolândia e 286 pessoas foram realocadas de Nova Canaã, que também foi desativada. O processo de realocação dos indígenas seguiu uma série de diálogos e assembleias e foi voluntário.

Esse processo de consolidação dos abrigos visa garantir padrões humanitários mínimos para as famílias abrigadas, uma vez que as antigas instalações – principalmente no caso dos indígenas – não eram totalmente adequadas para esse fim, apesar das intervenções realizadas nos últimos anos.

Assim, um mapeamento de necessidades e questões específicas junto aos gestores dos abrigos e comunidade, levou à decisão da Subcomissão Federal de Acolhimento e da coordenação da Operação Acolhida para uma reorganização dos abrigos. O crescimento populacional expressivo, as áreas de moradia limitadas e o maior tempo de permanência nos últimos meses agravaram alguns dos problemas, principalmente em termos de acesso a água, saneamento e higiene, resultando na necessidade de repensar os espaços de acolhimento para indígenas da Operação Acolhida em Boa Vista.

A implantação dos novos espaços indígenas refletiu as contribuições das comunidades que ali iriam morar e foram concebidas para atender às necessidades do povo indígena Warao. O abrigo Tuaranoko conta com cozinhas coletivas, unidades habitacionais para refugiados (RHU, na sigla em inglês) duplas com circulação de ar otimizada, campo de futebol e playground amplo para as crianças.

Conforme planejado pelo Ministério da Cidadania e a Força Tarefa da Operação Acolhida no contexto da resposta humanitária em Roraima, o abrigo indígena Pintolândia vem sendo desativado gradativamente. Após o processo de realocação, cerca de 180 pessoas optaram por permanecer no espaço, recebendo apoio básico do ACNUR até 8 de abril. Enquanto isso, a infraestrutura local não utilizada foi gradualmente desmobilizada pela Força Tarefa Humanitária-Logística da Operação Acolhida, enquanto opções alternativas foram apresentadas à população restante. O abastecimento de água, eletricidade e a entrega de alimentos segue no local.



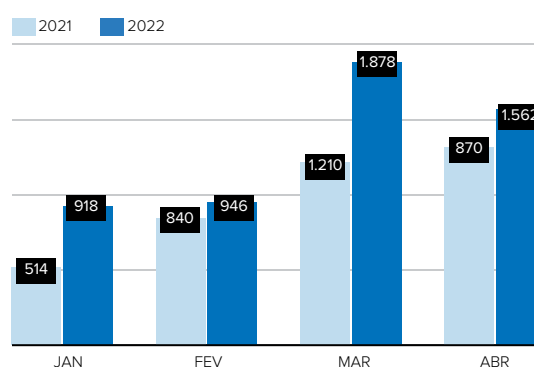
© ACNUR / Pedro Sibahi

REGISTRO

Até o momento, em 2022 o ACNUR registrou em Roraima cerca de 5.304 novos indivíduos, o que corresponde a um crescimento comparativo de 150% em relação aos números alcançados no mesmo período do ano passado. A diferença mostra que o pico da Pandemia da COVID-19 no início de 2021 afetou o número de migrantes e refugiados que entraram no Brasil. A atividade de registro é um processo fundamental da resposta humanitária para garantir a integridade dos sistemas de proteção, combate à fraude, além de apoiar a identificação precoce de necessidades específicas individuais. Para garantir uma proteção efetiva aos refugiados e migrantes venezuelanos em Roraima, a equipe do ACNUR cadastra as pessoas no Posto de Interiorização e Triagem (PITRIG) e nos abrigos de Boa Vista e Pacaraima.

Novos registros por mês (2021-2022)

Fonte: Subscritório do ACNUR em Boa Vista



PROTEÇÃO E INTEGRAÇÃO LOCAL

© ACNUR / Lucas Guerra



EDUCAÇÃO PARA INDÍGENAS EM PACARAIMA

A comunicação regular com comunidades de refugiados e migrantes sobre suas necessidades é um aspecto fundamental da estratégia do ACNUR ao desenvolver intervenções para a autonomia da população afetada. Seguindo essa abordagem, em 2021, o ACNUR realizou uma avaliação participativa nas comunidades indígenas Sorocaima 1 e Tarau-Parú em Pacaraima, no estado de Roraima, com foco nas perspectivas da juventude indígena para o futuro. Por meio desse diálogo, as comunidades apontaram a falta de informação sobre acesso a universidades e oportunidades de bolsas de estudo como um dos principais desafios.

Nos dias 23 e 24 de fevereiro, o ACNUR realizou sessões de feedback nessas comunidades, informando sobre o direito à educação, processos seletivos especiais para indígenas e refugiados nas universidades brasileiras e políticas públicas para permanência estudantil no Brasil. No total, cerca de 120 indígenas participaram da atividade. Durante as sessões de feedback da avaliação participativa, o ACNUR doou mochilas escolares para todos os alunos das comunidades atualmente matriculados nas escolas. Em Sorocaima 1, 197 pessoas receberam mochilas – sendo 115 brasileiros e 82 venezuelanos. Ao mesmo tempo em que fortalece a comunicação com as comunidades indígenas de Pacaraima, o ACNUR busca empoderar não apenas refugiados e migrantes, mas também a comunidade anfitriã, contribuindo para sua convivência pacífica.

INICIATIVAS PARA IMPULSIONAR A INTEGRAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS

Embora a estratégia de interiorização tenha contribuído significativamente para a integração de mais de 74 mil refugiados e migrantes venezuelanos no Brasil, uma parte importante dessa população permanece no estado de Roraima. As soluções são projetadas para permitir uma transição sustentável para a autossuficiência, especialmente para as populações indígenas Warao, Eñepa e Pemon que vivem em abrigos, que enfrentam mais dificuldades de acesso a serviços e oportunidades de integração de longo prazo.

Em Boa Vista, o ACNUR, juntamente com a organização parceira Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR), lançou o projeto Narunoko (que significa "caminho" na língua Warao), focado em fornecer suporte por até 8 meses a famílias indígenas em sua transição para fora dos abrigos. O projeto contempla diversos componentes, como treinamentos, auxílio em dinheiro, distribuição de itens não alimentares de primeiras necessidades e acompanhamento de proteção, com visitas mensais às famílias participantes. Está previsto atender inicialmente até 30 famílias indígenas, que receberão informações sobre planejamento financeiro, gestão do orçamento familiar, integração social e aspectos culturais do Brasil, prevenção da violência de gênero, proteção à criança e ao adolescente, prevenção e redução dos danos causados pelo álcool e outras drogas na comunidade, acesso a serviços públicos e redes de proteção social em Boa Vista.

Após a capacitação, as famílias receberão parcelas de auxílio financeiro para despesas com moradia por seis meses e serão acompanhadas pelos dois meses subsequentes para garantir uma transição segura. Como esforço complementar, juntamente com outros projetos para dar mais autonomia aos indígenas venezuelanos, espera-se que Naruroko melhore a renda familiar e reduza as taxas de abandono escolar, permitindo mais e melhores oportunidades para os refugiados mais vulneráveis. Em sua primeira fase, o projeto é implantado nos abrigos Jardim Floresta e Waraotuma a Tuaranoko.

Outra importante iniciativa voltada para a geração de renda e ampliação da inserção indígena na economia local foi a ampliação da parceria com A Casa – Museu do Objeto Brasileiro, que tornou-se possível depois que as comunidades dos abrigos Nova Canaã, Tancredo Neves e Pintolândia passaram a viver juntas no abrigo Tuaranoko. Para integrar os novos artesãos, foram realizadas, no dia 9 de abril, sessões informativas sobre o projeto, oficinas de técnicas de mapeamento, precificação e pré-inscrição no Programa Artesanato Brasileiro. Ao final desse processo, cerca de 65 novos artesãos foram incluídos no projeto e agora participam de atividades de educação financeira e criação de associações de artesãos em parceria com a SJMR e outros parceiros locais.



© UNHCR / Pedro Sibani

ABERTURA DO CENTRO DE SUSTENTABILIDADE

Somando-se ao esforço global do ACNUR para ter práticas mais verdes e promover a proteção ambiental, o ACNUR em Boa Vista implementou a criação de um Centro de Sustentabilidade como parte da Operação Acolhida. Localizado entre os principais abrigos da cidade de Boa Vista, o local foi pensado para disseminar conhecimento técnico sobre meio ambiente e sustentabilidade, com atividades educativas e de integração cultural, envolvendo brasileiros, refugiados e migrantes. Foi inaugurado no dia 5 de abril com a presença do Embaixador da União Europeia no Brasil, Ignacio Ybáñez, e autoridades locais. O espaço é gerido em parceria com a Fraternidade Sem Fronteiras (FSF), trabalhando em conjunto com 7 jovens do Comitê de Sustentabilidade, criado anteriormente em abrigos de Boa Vista.

Entre as atividades que acontecem no centro, há uma série de projetos-piloto, como compostagem, biodigestores e aquaponia, nos quais os participantes aprendem sobre processos físicos e químicos envolvidos na geração de energia, cultivo de plantas e reciclagem. Há também sementário e viveiro, planejados para o cultivo de árvores e plantas ornamentais que serão utilizadas na arborização de abrigos e áreas públicas em Boa Vista.

Julio César, um menino de 15 anos que vive do abrigo 13 de Setembro, é um participante orgulhoso das atividades. "A árvore precisa ser cuidada como um bebê. Se você não tem a responsabilidade de dar água e nutrientes, deixar tudo perfeito, a planta não vai crescer direito. Aprendi quanta água colocar para cada espécie e quão fundo cavar ao plantar. Gosto de ter esse conhecimento", diz.

Arturo de Nieves, responsável-interino pelo ACNUR em Boa Vista destacou durante a inauguração do espaço que "as portas do Centro de Sustentabilidade estarão abertas para que escolas, universidades e outras organizações possam aprender mais sobre técnicas para o desenvolvimento sustentável e obter mais próximo da resposta humanitária no estado e participando das atividades promovidas por essas pessoas para a resiliência ambiental da região".

© ACNUR / Camilla Geraldo



ACESSO A ESCOLAS

Durante os diálogos de realocação para o abrigo Tuaranoko, uma necessidade importante que foi identificada entre a população indígena foi a continuidade das crianças nas escolas, pois nem todas as famílias poderiam transferir imediatamente seus filhos para escolas próximas ao novo abrigo. Como resposta, em abril o ACNUR deu início a um projeto para garantir vale-transporte para crianças que permaneceram matriculadas longe do novo abrigo, garantindo também transporte para os pais ou responsáveis acompanhá-las. Nos dias 23 e 24 de março, foi realizado um mapeamento do número de crianças que necessitavam de apoio com transporte, identificando 97 crianças. Outras 20 famílias conseguiram transferir seus filhos para escolas municipais e estaduais do bairro 13 de Setembro, onde está localizado o novo abrigo. O vale-transporte é uma solução paliativa que busca garantir a continuidade dos estudos dessas crianças por até 3 meses, até que seja garantido o acesso às escolas próximas ao abrigo Tuaranoko. Ao mesmo tempo, o ACNUR vem advogando junto às secretarias municipal e estadual de educação para facilitar os procedimentos de transferência de matrícula para que as crianças possam frequentar as escolas no entorno do novo abrigo.

SUPPLY

Com o objetivo de melhorar a logística de entrega de itens de primeira necessidade (higiene e limpeza) para refugiados e migrantes abrigados em Boa Vista, o ACNUR transferiu a gestão de seu armazém para uma empresa terceirizada localizada em Roraima. Desde 9 de fevereiro, a nova gestão permitiu uma resposta mais eficiente para contextos de emergência e manutenção diária, ao mesmo tempo em que fornece itens essenciais de socorro que vão apoiar a dignidade e a saúde das famílias abrigadas em Boa Vista, Pacaraima e Manaus, e também apoiar outros estados com entregas de itens aos parceiros para distribuição e em resposta a catástrofes.



© ACNUR / Pedro Sliahi

O ACNUR Brasil agradece o apoio de todos os seus doadores incluindo:



Doadores privados do ACNUR Brasil:



O ACNUR Brasil agradece o grande apoio e parceria com todas as outras agências da ONU, autoridades brasileiras (a nível federal, estadual e municipal) e organizações da sociedade civil envolvidas na resposta de emergência e nos programas regulares da operação brasileira.